



1936

# Ciência & Letras

PUBLICAÇÃO MENSAL

4.<sup>a</sup> SÉRIE

DIRECTOR

N.º 9

P.<sup>c</sup> Antonio Hermano

A assinatura: Quinhentos reis por anno

## SUMMARIO

O poder da Dôr, por Henrique Gomes — Madonna, por Padre F. J. Patricio — Mãe de Misericórdia (poesia), por Rangel de Quadros — Rabiscando, por R. F. Fontinha.

REDACÇÃO  
COLLEGIO DE S. DAMASO  
—  
GUIMARÃES

**O COLLEGIO DE S. DAMASO foi frequentado no  
anno lectivo de 1897 a 1898 pelos seguintes 182  
alumnos internos:**

João Carneiro Leão, Jeronymo Antonio Ferreira, Amílcar Barca Martins da Cruz, Americo de Freitas Coutinho Maltez, Fortunato Ribeiro da Costa Sampaio, Luiz Carlos Telles de Queiroz, Firmo Moreira da Silva, Antonio d'Araujo Azevedo Mimoso, Manuel José Martins, Albano José Peixoto, Adolpho Mario Salgueiro e Cunha, Alberto Ribeiro Jorge, Ignacio de Sousa Magalhães, José Alves da Silva Moreira, Alvaro Pereira Pimenta de Castro, Octacilio Teixeira da Silva Netto, Ernani Faria Barbosa, Abilio da Silva Ferreira, Joaquim Peixoto d'Azevedo, José Monteiro d'Oliveira, Francisco Gaspar Ferreira Leão, Adelino Ribeiro Jorge, José Cardoso da Silva Martins, Manuel dos Santos, Antonio da Silva Ribeiro, Pedro Teixeira d'Ameida, Gonçalo d'Abreu Lima, Albano Lopes Leite de Faria, Gaspar Augusto Pinto da Silva, Gonçalo Lopes Leite de Faria, José de Castro Covilhã, Jacintho Gomes Martins, Rodolpho Arthur d'Abreu, Eugenio Pereira Machado Pinto, Alfredo Monteiro Soares d'Oliveira, Fernando Leite de Faria, Alberto Ventura da Silva Pinto, José Firmino Vieira Meirelles, Annibal Machado Pereira, Arthur dos Santos, Arthur Pacheco Dias Freitas, Jeronymo Antonio d'Almeida, Antonio Pinto Leite, Manoel Pinto Velloso de Barros, Aurelio Pedro da Motta Abreu, José Pinto Montenegro Carneiro, José Bernardino d'Araujo de Abreu, José Thomaz Pereira dos Santos Lemos, Alvaro Pereira Pinto Santos Lemos, José Figueiras de Sousa, Jacintho Bastos, João Pinto Montenegro Carneiro, Amandio Pacheco Dias de Freitas, Amadeu de Sousa Magalhães, Alberto Carneiro Alves da Cruz, Pedro Amandio Rodrigues, José de Sousa Gomes, Joaquim Canello Monteiro, Arnaldo Thomé dos Santos Rebello, Gonçalo Ferreira de Mello Botelho e Sousa, Manoel Pereira Barroso, Annibal de Mattos Guimarães, José Maria Mendes de Vasconcellos, Francisco Vieira, João Rocha dos Santos, Antonio da Silva Ribeiro, Vergilio Filippe

Ramos, Adelino Rebello Pinto Bastos, José Viança Corrêa, Carlos Macambira de Brito Carneiro, Armindo Mauricio Pinto Rodrigues, Arthur Peixoto d'Azevedo, Antonio Alves Pinheiro, Cypriano d'Oliveira e Silva Junior, Francisco Macambira de Brito Carneiro, Alberto Fernandes Lopes Sepulveda, João Baptista Fandinho Fraga, Belmiro da Cruz Leite, José Felix Farinhote, Elias Gomes Marques, Carlos da Silva Moreira, Luiz Queiroz Vieira de Castro, Nelson Teixeira da Costa, João Alves da Silva Cosme, Manoel Joaquim Faria Azevedo, Antonio Alves da Silva.

Henrique Vieira Gonçalves da Costa, Manoel Alves Santiago, Americo de Souza Azevedo, Antonio Joaquim, Luiz Affonso, Arnaldo Eugenio Lopes, Abilio da Silva Marques, Eurico Saladino d'Araujo Costa, Alfredo Homem da Silveira Sampaio e Mello, José Balthasar Teixeira d'Araujo, Annibal Henrique Lopes, Fernando dos Santos, Alvaro Ribeiro da Costa Sampaio, Antonio Fortunato da Silva Basto, Aureliano d'Oliveira Maia, Agostinho Henriques d'Oliveira, Manoel Joaquim Salgueiro e Cunha, José Maia Leite Guimarães, Manoel de Mesquita Guimarães, Francisco d'Assis do Quental e Alvellos, Adolpho Sampaio de Moraes Pinto d'Almeida, Antonio de Souza Campos, Fernando José Peixoto Sampaio Bourbon, Antonio Leão Lobo, Manoel do Nascimento Martins Machado, Rodrigo José Milheiro, Aurelio Martins Machado, Jorge da Cruz, Alfredo Teixeira Machado, Bento Coelho da Silva, Joaquim José Leão Ribeiro, Alvaro Ribeiro de Faria, Eduardo Alves Pinto Maia, Annibal de Souza Pereira, Balthasar Antonio da Silva Vieira, Benjamin Campos Jacomo Guimarães, Joaquim Telles de Faria, Manoel d'Assumpção Moreira, Diogo San Romão, Eugenio Gomes Ferreira da Costa, Antonio Mendes de Vasconcellos, Abrahão Mauricio de Carvalho, Urias Ferreira Dias Lamego, Henrique Manoel de Miranda, João Carlos de Miranda, Annibal de Mesquita

Guimarães, Eduardo Manoel d'Almeida Junior, Miguel de Souza, Henrique Augusto Tuedes d'Oliveira, Egydio Teixeira Xavier de Souza Guimarães, Manoel José Lopes, Gonçalo Manoel Bourbon Sampaio, Alfredo Guimarães, José Antonio dos Santos Guimarães, Jeronymo Pinto Montenegro Carneiro, João Domingos Forte, Armando Ribeiro de Freitas, Manoel Leite Peixoto, Albino d'Oliveira Gericota, Vasco de Souza Lobo Brandão, José Vianna Correia, Antonio Joaquim Cautella Junior, João Albino Gonçalves Carreiras, Antonio da Silva Pimenta, Antonio de Sousa Moreira, João Pedro da Silva Bourbon, Humberto Gonçalves Carmona, Antonio Gonçalves da Silva Aroso, Joaquim Ribeiro, Affonso de Magalhães d'Abreu do Couto Amárim Novaes, Manoel Ignacio d'Abreu do Couto Amorim Novaes, Gonçalo José d'Araujo, Antonio José d'Araujo, Aristoteles Luiz Mendes, Euclides Luiz Mendes, Emilio Luiz Mendes, João José Mendes, Lourival Luiz Mendes, José Affonso de Lemos Albuquerque, Fernando Antonio d'Almeida, João Antonio d'Almeida Junior, José Joaquim d'Oliveira Bastos, João Joaquim da Costa Oliveira Bastos, Severino Heitor Dias Pereira Magro, Norberto José Machado Guimarães, Antonio Paulo Ferreira Monteiro, Manoel de Sousa Moreira, Antonio Pinto de Sampaio e Castro, Aguilar Teixeira da Costa, Manoel Martins Ribeiro da Silva, Abel Alves de Freitas Torres, João Antonio Alves de Freitas Torres, Manuel Arthur Alves Machado Ferreira, Paulino Adelino Gaspar da Silva, Domingos Gomes Ferreira da Costa.

### Collegio ou externato?

A educação em bons collegios tem *consideraveis vantagens*. Em primeiro logar, as creanças habitua-se a uma alimentação simples, sadia e ministrada a horas regulares, regimem incontestavelmente mais util para o robustecimento, do que o seguido no seio de

muitas familias, onde comem a toda a hora e se estragam com guloseimas.

Em *segundo logar*, como têm as aulas em casa, não necessitam de percorrer diariamente as ruas expondo-se a todas as intemperies ou faltando ás lições para evitar os rigores do tempo. Com as aulas no edificio em que habitam, lucra, portanto, a saude e a assiduidade.

Em *terceiro logar*, como economia, tambem os collegios, em geral, são preferiveis. Cada collegial gasta por dia cerca de 360 reis, quantia insufficiente para uma installação commoda em casa particular. De modo que o Collegio fornece *alimentação, aulas e educação* pelo preço que em outra parte mal daria para alimentação. Se me dizem que alem da mensalidade ha no Collegio os *extraordinarios*, respondei que ha collegios em que essas despesas que o alumno teria que fazer fatalmente embora estivesse em sua casa. Direi mesmo que mais avultam, aes despezas, quando fóra do Collegio.

Em *quarto logar*, sob o ponto de vista moral e religioso, é preferivel a educação em bons collegios. O recato do internato obsta a que os alumnos conheçam cedo o perigo, as seducções das ruas; livra-os de maus companheiros, que os ha sempre consummados no vicio e promptos a guiar para lá os inexperientes; livra-os de bastantes maus habitos, como o fumo, o jogo, a vadiagem, etc.

Alem d'isso, as praticas religiosas, a vigilancia activa e prudente, os multiplos meios de que o educador lança mão a proposito, tudo no internato contribue para desenvolver as boas tendencias e para rebater os maus instinctos.

É os habitos da obediencia que gera caracteres doces, humildes, respeitadores? e a ordem, a regularidade na distribuição do tempo. o nobre sentimento de camaradagem, as afeições perduraveis que gera a convivencia longa sob o mesmo tecto e a conjugação harmonica de deveres e direitos eguaes,

alegrias e prazeres communs, não valerá nada tudo isto? Vale, sim, e muito.

Em quinto lugar, pelo lado litterario está exuberantemente provado que os collegios sobrepujam os externatos de qualquer natureza. Nos collegios as horas estão todas reguladas, combinadas; cada cousa, cada occupação, tem seu lugar marcado, definido.

Ha as aulas, mas ha tambem as horas d'estudo, indispensaveis para preparar as lições.

A frequencia é assidua: os alumnos estão dentro; por isso não faltam se não em caso de doença. Alem d'isso os professores tem meios coercitivos mais efficazes, para os internos.

Em resumo: o collegio é superior ao externato sob o ponto de vista organico, moral, social, religioso, litterario e economico; e os raros defeitos, que alguém lhe possa apontar, não conseguem annullar as vantagens e garantias educativas que offerece.



### Paes e educadores

Para que a educação fructifique é indispensavel que os paes auxiliem os educadores. Pouco poderão estes fazer se as familias os não escudam com sua confiança, com sua energia, que pode e deve coexistir com o amor.

Todavia, infelizmente, ha paes que sobrepoem o carinho mimalho ao amor autoritario e prestam insensata attenção a quantos pequeninos despeitos as pobres creanças, levadas por sonhos de intempestiva liberdade, lhes choram aos ouvidos.

Taes creanças, se lhes faltar um grande fundo de bondade natural, estão perdidas para a educação e quasi sempre tambem para as letras.

De quem se devem ellas queixar mais tarde, quando lhes raiar na intelligencia a luz serena do bom senso?

Philos.



### Matri ulem-se nas aulas de classe

Como varias familias nos perguntam qual o curso de preparatorios que melhor convem a seus filhos, diremos o nosso pensar a tal respeito.

a) Se o estudante se propõe seguir um curso superior, tem necessidade de se matricular nas aulas de classe, isto é, do actual regimen, ou nova reforma.

b) Se se destina á carreira ecclesiastica, pode fazer exames nos seminarios, mas, obretudo se tem meios, mais lhe vale matricular-se nas aulas de classe, porque servem para todas as carreiras.

c) Se tem em vista a carreira commercial, deve frequentar o curso geral, isto é, os 5 annos da classe; pois que esse curso dá uma base de conhecimentos geraes muito uteis, para aquella carreira.

d) Se o alumno não tenta seguir carreira, mas apenas obter um peculho de conhecimentos praticos, uteis e actuaes, com que possa fazer-se apresentavel na sociedade, deve tambem frequentar o curso geral do novo regimen.



### Entrada

Já, por meio d'uma circular se fez saber ás familias que a entrada geral é nos dias 5 e 6 de outubro. O primeiro dia d'aulas é sexta-feira, dia 7. Da punctualidade de todos, na vinda, resultará a mais prompta organização do serviço escolar e por isso maior aproveitamento.

D.



## O poder da Dôr



**V**IVER é soffrer.

«Não se traz uma corôa de loiros na frente, sem trazer uma de espinhos no coração» — disse isto um dos astros mais radiosos da eloquencia contemporanea (1).

Quanto mais a alma sóbe, com remotações arrojadas, pelo azul do Ideal, tanto mais fundamente a dôr lhe crava as garras.

Subir a montanha azul da gloria custa lagrimas de sangue. O coração fica aos pedaços, rasgado pelas arestas dos rochedos que asperisam o caminho.

As almas amassadas em bondade, banhadas em ternura, esfomeadas de Justiça, sedentas de Bem, abeberadas de amor, todas as almas generosas, filhas genuinas do ceu, todas ellas, no proseguimento do seu fim, na conquista do seu alvo, soffrem os rudes embates da Dôr.

Aos sorrisos que alliviam maguas, respondem gargalhadas que arrancam lagrimas.

(1) Emilio Castellar.

Em troca dos aljofares que rociam e lenimentam feridas, vozêam-se blasphemias que calcinam como ferro em braza.

Para as meigas e doces palavras de amizade ha o beijo de Judas.

Para os carinhos e ternuras d'amante ha o veneno subtil da vibora que se esconde no seio.

Para os heroismos, para as abnegações, para os mil sacrificios do amor ha os risos amarellos do escarneo.

Todos os que gastam forças pelos outros, todos os que commungam, no altar do sacrificio, todos os que derramam uma gotta d'oleo na lampada immensa da generosidade, todos os que fazem do mundo uma arena de lucta pelo Bem, todos os que fazem da Caridade um apostolado santissimo, todos os que sonham n'um sacrosanto ideal de justiça, todos os que descondensam as trevas da ignorancia, rasgando ao espirito humano os horisontes amplissimos, infinitos da Verdade, todos os que arrancam dos corações as ervas damninhas do vicio, plantando aí o lyrio branco da Virtude, — todos esses têm na febre do seu ideal um martyrio constante, todos esses caminham pela rua d'Amargura, tropeçando já na duvida que extenúa, seguindo logo no encalço d'uma illusão que lhes fôge e negacêa, como a miragem na vastidão do deserto ao viajante encalmado, sob os raios d'um sol que esbrasêa.

O mundo é como o mar, em que se navega para o abysmo sobre uma esteira de prata, ouvindo o delicioso cantar das sereias.

---

O mundo é como o deserto, em que as ondas de areia se levantam e enganam e torvelinham á mercê do vento.

Viver, é soffrer, mas soffrer, luctando.

Deixar-se o homem empolgado pela dôr, cair na passividade, sem ter um arranco de coragem para a resistencia, sem sentir pruridos de brio que o arrastem para a lucta, é renegar a nobreza da sua origem e esquecer a superioridade do seu destino; isso é o derruir das mais fecundas aspirações, o desfazer dos sonhos mais doirados, o dissipar dos mais bellos ideaes, o chafurdar na agua rebalsada d'um lago insalubre.

Vale mais o Hamlet vingador, dominado pela sua paixão, sacudido pelos nervos que o exaltam, sublime na sua dôr, tragico na sua colera, do que o Hamlet doentio, apathico, passeando, altas horas da noite, pelo silencio do cemiterio, verminada a alma por desdens mortaes.

A Dôr é fecunda, quando o homem se não deixa marasmar por ella.

Faz prodigios, faz heroes, faz martyres, faz sanctos.

Calcinando as fibras do coração, purifica-o do veneno que mata.

Anavalhando a alma, fal-a desferir vôos rasgadissimos pela amplidão dos sentimentos mais ardentes.

Na escóla da Dôr, têm-se formado caracteres do mais fino quilate, roborado affectos dos mais puros, enraizado aspirações das mais nobres, corporizado ideaes dos mais alevantados, têm-se ali-

mentado e vivificado paixões das mais sublimes, paixões que dão rigeza aos musculos e aras ao pensamento, que levantam o espirito ás serenas regiões do Bem, como o fazem roçar pelo tremedal do crime, paixões que são a alavanca dos maiores progressos e a causal das concepções mais grandiosas do genio humano, paixões que fazem de Magdalena peccadora, resvalando pela pendente do crime até a ultima abjecção, a Magdalena arrependida, regenerando-se ao brilho suave dos olhos de Jesus, abrindo a alma ao amor mais intenso e martyrisando-se com todas as febres da paixão; porque amar assim, com toda a violencia do sentimento, é sofrer, ferindo o coração nas asperezas de dôres incomportaveis.

Na fragoa da Dôr, têm-se provado espiritos da mais rija tempera, têm-se desbastado rudezas de coração que se tornam em escrinios de ternos affectos, têm-se retemperado vontades que enfraqueciam, dando-se-lhes a rijeza do aço e a acuidade do diamante,

Não ha apostolo que não tenha bebido as suas crenças n'essa escóla; não ha heroe que não tenha polido as suas armas n'essa fragoa.

No estandarte que symbolisa a victoria grava a Dôr traços negros de lucto.

Na alma do evangelizador d'uma idéa cae o fel dos sarcasmos que lhe arremessam ás suas convicções.

Por entre os loiros, que circuitam a fronte do vencedor, ha espinhos que o molestam e lhe agúam o delirio das aclamações.

Mas esse fêl, passando pelo crisol da resignação, transforma-se em seiva que vivifica e dá forças para maiores commettimentos.

Mas esses espinhos são estímulos que levam a mais arduos combates, d'onde rebentarão loiros mais viçosos.

A Dôr faz prodigios, faz heroes, faz martyres, faz sanctos.

Cerveira.

*Henrique Gomes.*



## MADONA

(EXCERPTO D'UM SERMÃO)



**R**APHAEL D'URBINO, esse genio tão peregrino que foi honra e esplendor da arte italiana, revelou com delicadissimos primôres, no celebre quadro da *Madona*, tudo quanto ha de enlevadora ternura e celestial encanto na fronte serena de Maria Santissima e no rostò primaveral de Jesus.

A Mãe acaricia o Filho na etherea dedicação d'esse affecto, que foi sagrado pela acção da graça divina, o terno Infante sorri nos poeticos extasis d'esse poema de abnegação eterna a que o mundo deve a Redempção.

As correntes d'um infinito amor ligam a Mãe ao Filho, n'um vinculo de idéal piedade como a alma humana jámais sentiu, como o coração nunca pôde aspirar nos estos da mais ardente sentimentalidade; os filtros d'uma celestial belleza traduzem, no lume dos olhos e no sorriso dos labios, nas rosas das faces e no palpitante do seio um oceano de

ventura que indica o prelibar das mais luzentes glorias,

Ha alli tanta doçura que enleva, como tanta castidade que edifica; ha tanto sentimento que fecunda, como tanta benção que santifica!

E porque é que assim nos impressiona tão vivamente este quadro — Jesus nos braços de sua Mãe?

E' porque ha na nossa alma uma clara e nitida comprehensão dos affectos maternas, que foram o primeiro beneficio que recebemos nos alvôres da existencia ao entrarmos no caminho da vida, pois nós sabemos, pela escola da experiencia, que prestigio tinha a innocencia dos primeiros annos e que fraqueza e insciencia era a nossa, que tanto carecia dos cuidados e sollicitudes de nossa mãe.

Aquelle quadro espelha na theoria do nosso viver e na orientação da nossa crença um traço de purissimas affeições, cuja grandeza e intensidade conhecemos bellamente pela rememoração dos dias da infancia; em que tambem não é em vão que começamos a ouvir pronunciar com inexcedivel devoção o dôce e santissimo nome da Mãe de Deus.

Por isso a Virgem é e será sempre a mais fulgente miragem dos espiritos d'eleição e a paixão mystica das almas delicadamente sensiveis. Deus creou-a como um modelo de pureza, como um typo de perfeição.

N'aquella pureza ha todas as mysteriosas suavidades d'um idéal que nos attrahe; n'aquella santidade ha todos os convincentes motivos que nos enleiam; n'aquella perfeição ha um sonho de jubi-

los que nos emocionam e que veem rasgar o véo d'esse horisonte que nos acena com os gosos da eterna felicidade, que é a nossa mais calorosa aspiração!

Na *Madona* de Raphael ha arte que notavelmente releva; mas no culto que as inspirações da fé alentam e vivificam, ha um mundo de prodigiosa piedade que edifica.

Disse muito o pincel e a tela do privilegiado filho da Italia; mas muito mais ainda exprime o coração dos crentes que ajoelham reverentes e veneram dedicadamente a dôce e santa Mãe de Jesus!

Porto.

*Padre F. J. Patricio.*



## Mãe de Misericórdia



### I

Mãe-Virgem, toda ternura,  
Maria, fonte de amor,  
por Ti mais a creatura  
se eleva ao seu Creator.  
— Alivio dás na amargura  
Ao mais triste peccador. —

Humildes, se nos prostramos,  
erguendo as fronteas ao Ceu,  
se em Ti, Virgem, confiamos,  
das máguas se rasga o véu  
e nova luz divisamos  
da vida n'este escarceu.

Teus olhos, sempre amorosos,  
Tu volves a quem chorou  
e com olhos lacrimosos  
os seus erros confessou.  
— E teus filhos desditosos  
mais teu peito sempre amou! —

Em Ti põe sua esperança  
o mais triste coração.  
Estrella és Tu de bonança  
na mais negra cerração.  
— Por ti alegria alcança  
quem só vive na afflicção! —

Vês em toda a humanidade,  
 que teu Filho resgatou,  
 de ingratos muita maldade,  
 que o teu peito alanceou,  
 mas nunca a tua bondade  
 os seus rogos desprezou.

Mãe-Virgem, toda ternura,  
 Maria, fonte de amor,  
 por Ti mais a creatura  
 se eleva ao seu Creador.  
 — Alívio dás na amargura  
 ao mais triste peccador! —

## II

Tu és sempre carinhosa.  
 Em Ti confiança tem  
 quem dobra a fronte chorosa  
 e a teus pés humilde vem.  
 — Dos orphãos, Virgem formosa,  
 Tu és protectora e Mãe. —

Se Dejs, Senhora, é contigo,  
 com todos sempre has-de ser,  
 que, vendo em Ti grato abrigo,  
 se acolhem ao teu poder.  
 — Se buscam teu peito amigo,  
 a dôr se muda em prazer. —

Senhora, nos alcançaste  
 a graça com teu poder.  
 O nome de Eva mudaste  
 no teu, que sempre ha-de ser  
 refugio de quem amaste  
 e sempre em Ti ha-de crer.

Ninguém temer pôde a morte,  
 se o teu auxilio impiorou  
 e pôde ter feliz sorte,  
 se sempre em Ti confiou!  
 — Sentindo um animo forte,  
 por Ti o Ceu alcançou! —

Tu és sempre carinhosa.  
Em Ti confiança tem  
quem dobra a fronte chorosa  
e, a teus pés, humilde vem.  
— Dos orphãos, Virgem formosa,  
Tu és protectora e Mãe! —

## III

Ao mundo uma nova vida,  
Senhora, podeste dar.  
Tu foste a Mãe escolhida  
do que o veio resgatar.  
— Amada, mas não temida,  
Tu has-de sempre reinar. —

Ninguém já tem implorado  
O teu patrocínio em vão.  
Quem tem em Ti confiado  
achou sempre protecção  
no teu sorriso adorado,  
no teu meigo coração.

Tu és um porto seguro  
da vida no triste mar.  
No teu peito meigo e puro,  
abrigo vae procurar  
quem teme, que no futuro  
não possa o erro evitar.

Tu és mãe dos desvalidos.  
Do Ceu és mimosa flôr.  
Escutas sempre os gemidos  
do mais triste peccador.  
— Por teus filhos tão queridos,  
ó Virgem, roga ao Senhor! —

Aveiro.

*Rangel de Quadros.*

## Rabiscando

(Continuação)



### *A' lareira*

**N**AS geladas noites d'inverno, quando a chuva açoitava as vidraças e o vento sibilava lá fóra, fazendo cordas sonoras dos ramos do arvoredó, em torno d'um canhoto crepitante assentava-se toda a minha familia em alegre e intimo convivio. Ainda me parece ouvir a voz de meu bom pae narrando historias de fadas e mouras encantadas ou contos engraçados, que affugentavam o somno e faziam rir francamente.

Ainda tenho nos ouvidos as orações que minha saudosa mãe me ensinava com extremos de carinho, e sinto que o meu amor d'então, longe de arrefecer, se crystallisou no cadinho da saudade. . .

Fugiu-me para o ceu, quando apenas contava 10 annos — a edade das esperanças e das illusões. . .

Fragil batel, fiquei com o leme paterno, mas sem estrella polar!

Desde então, não sei que melancholia se me in-

filtrou no coração, que só posso ter desafogo no labutar continuo e na crença do ceu. . .

Quando agora os dezembros voltam e me recollo a casa da familia, vejo ainda as reuniões á lareira, mas noto um logar devoluto.

Nos devaneios da minha phantasia vaga e mysteriosa, parece-me vêr alli sentado o anjo das tristuras, narrando historias dolentes. . .

\*

### *O meu crucifixo*

Deu-m'o ella, o anjo bom da candura — minha Mãe.

Era em setembro de 1885. Tinha eu 10 annos — a idade em que é imprescindivel o amparo maternal; em que são indispensaveis os conselhos d'aquella santa que nos deu o ser; em que é insubstituivel o calor d'aquelle peito, que soffrego nos acalenta.

10 annos! Quando o nosso pequeno cerebro, embora já capaz de discernir com alguma circumspecção, por força ha-de sossobrar, se não fôr illuminado pelos raios que se desprendem d'aquelle foco intenso, chamado o coração de Mãe. . .

Pois tinha eu este tão pequeno numero d'annos, quando uma terrivel pneumonia prostrou no leito da dôr a minha bondosa progenitora.

Em poucos dias a desoladora febre se apossou d'aquella organisação, já de si enfermiça, e começou a pôr em sobresalto toda a familia.

Parece-me que a estou vendo, descarnada e

hirta, levantar-se a custo no leito, e, erguendo as mãos ao ceu, dizer com fervor: — «O' meu Deus, eu não queria morrer já! Não me leveis d'este mundo, enquanto estas creanças são tão pequenas!»

E de novo se deitava extenuada, mas cheia de confiança nas preces que dirigia á Providencia. . .

Eu então chorava, chorava muito; mas ainda ella se affligia mais. Chamava-me para junto de si e enxugava-me as lagrimas com beijos, dizendo: — «Não chores mais, meu filho, que eu ainda não morro d'esta vez!»

Porém, a doença caminhava a passos agigantados; os pulmões desfaziam-se rapidamente; e no dia 8 de setembro, a quint'essencia do meu amor, que me gerara e depois aconchegara ao seio, com voz tremula e olhar vago, entregou-me um pequeno crucifixo de marfim que tinha á cabeceira, dizendo: — «Guarda esta lembrança querida! Quando te vires atassalhado pela amargura, põe os olhos n'este poema de soffrimento e amor! Um crucifixo é um livro aberto; solettra-o todos os dias!»

Pouco depois entregava a alma a Deus, deixando no mundo quatro orphãos... E desapareceu e nunca mais a vi, senão com os olhos do espirito...

Tenho uma consolação: — beijo todos os dias o crucifixo, que me legou na hora suprema do passamento.

*As creanças*

Tenho uma predilecção especial em fitar o rosto das creancinhas. N'umas vejo um olhar despreocupado, irrequieto e folgasão; n'outras... não sei que melancholia noto — uma melancholia talvez precursora de mil desalentos futuros, um desalento a entremostrar de antemão dias d'amarga desventura.

Perguntae a uma d'estas ultimas porque não folga com as outras, que não saberá responder. Dae-lhe bonecas para brincar, offerecei-lhe bonbons para se entretêr: — n'aquelle rosto ficará sempre estampada a dôr.

Porque soffrerá aquelle entesinho que ainda não conhece as infamias dos homens, nem as traições do coração, nem as luctas da vida?

Não sei; mas recordo-me muito bem que eu era assim.

O meu corpo foi sempre franzino; o meu rosto sempre macilento e triste; os meus olhos sempre amortecidos e chorosos. Ia á escóla, e todos notavam a minha pouca habilidade para os brinquedos infantis. Eu mesmo gostava antes de me associar aos collegiaes maiores, que mais se occupavam em narrar, cada um por sua vez, contos phantasistas e maravilhosos.

E isto impressionava-me muito. Prestava-lhes a maxima attenção, para depois poder contal-os a minhas irmãsinhas.

Para mim uma branda reprehensão do profes-

sor era mais vexatoria do que para muitos um castigo bem severo.

Então chorava de vergonha e redobrava de applicação, para receber premios em logar de asperas admoestações.

Em casa era tal o meu silencio, que me lembro de meu pae perguntar muitas vezes onde estava, achando-me eu na mesma sala.

Recordo-me de chorar frequentemente, quando era pequeno. Pois essas lagrimas que então deslisavam das orbitas, sem queimarem as faces, foram engrossando, engrossando, a ponto de se condensarem no coração...

O rosto das creanças é muitas vezes um espelho.

Ancora, 13—1X—98.

*R. F. Fontinha.*

